NOTICIAS ATRAZADAS

(D'*A Noticia*, Rio, de 28—1—1905)

Depois das pesquizas conscienciosas do barão de Studart não era muito provavel se encontrassem grandes novidades a respeito de Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará. Comtudo appareceram na Hespanha novos documentos, de certa importancia; vale a pena tornal-os conhecidos: a Bibliotheca Nacional vae publical-os, segundo a cópia que Domicio da Gama fez extrahir em Sevilha.

—

Não póde haver mais duvida que Moreno teve o berço além-mar. Onde, ignora se ainda. Seu tio Diogo de Campos nasceu em Tanger, segundo testemunha um chronista hespanhol das guerras de Flandres. E' bem possivel que o sobrinho egualmente visse a luz do mundo em terras africanas, por 1585 ou 1586.

Veio para o Brazil em 1602, aos dezoito annos, em companhia do tio, sargento-mór do Estado, e do novo governador, Diogo Botelho. O anno seguinte passou na expedição de Pero Coelho de Souza ás terras do Ceará, «para aprender a lingua dos indios, e seus costumes, dando se com elles e fazendose seu mui familiar e parente ou compadre como elles dizem», informa-nos o tio. Nessa expedição percorreu todo o littoral cearense «a provincia de Jaguaribe e Ceará e Mel Redondo»: nisto «se gastaram tres annos, onde sempre assisti com muitos

trabalhos, sustentando-nos de cobras e lagartos, porque naquelle tempo nunca se deu ordem a plantar mantimentos e hoje ha infinitos», escreve elle proprio na *Relação do Seará*.

Que fez passados os tres annos de lucta? Não consta de documento algum conhecido. Si ainda existe em ponto ignorado a longa memoria de seu governo escripta por Diogo Botelho, guardada outr'ora, antes do terremoto de Lisboa, na bibliotheca do marquez de Abrantes, é possivel se esclareça este periodo da vida de Martim Soares.

Começamos a ter noticias delle a partir da administração de D. Diogo de Menezes, Tomando, como seu antecessor, terra em Pernambuco antes de dirigir-se para a Bahia, devia chamar-lhe a attenção a costa de Leste-Oeste. A expedição de Pero Coelho, numerosa e armada em guerra, fracassára por completo. Importára grave insucesso a entrada de Francisco Pinto e Luiz Figueira. Mas os Jesuitas tinham mostrado o verdadeiro caminho a seguir: a marcha lenta, pacifica, visando a boa vontade dos indigenas, disfarçando o mais possivel qualquer apparencia de força, evitando qualquer suspeita de violencia.

Martim Soares, companheiro de Pero Coelho, soubera conquistar e conservar as boas graças de Jacaúna, poderoso chefe indigena das plagas cearenses: era o homem naturalmente indicado para os planos imaginados por D. Diogo.

Talvez em 1609 foi nomeado tenente da fortaleza do Rio Grande, com instrucções de inquirir do que passava pelas regiões limitrophes, renovando as relações com seu antigo compadre. As desconfianças deste levaram algum tempo a ceder. A amizade a Soares continuou firme, tanto que tres viagens fez ao Jaguaribe, cada vez confirmando mais a paz e amizade com Jacauna, «principal daquellas gentes, o qual lhe chamava filho». Estas viagens repetidas mostram que o morubixaba não estendia aos Portuguezes a confiança votada ao filho adoptivo.

A primeira victoria contra suas prevenções manifestou se no facto dos Indios tomarem uma embarcação franceza arribada ao Mucuripe e matarem toda a gente nella embarcada. Ficava assim rota a alliança quasi secular entre os Petiguares e os louros *Mairs*; agora tinham de aliar-se aos odiados *Peros*.

Soares medio o alcance do acto, e delle tirou sagazmente as conclusões. Conseguio que Jacaúna mandasse um filho á Bahia apresentar a D. Diogo de Menezes os trophéos sangrentos do combate, penhores da nova alliança, e foi em sua companhia para explicar o que tinha colhido nas tres viagens ao Ceará, e o que apurára do obscuro Maranhão.

Occorreu isto em 1611. D. Diogo, depois de receber o indio, nomeou Martim Soares capitão do Ceará, com o ordenado annual de 100$, entregou-lhe apenas dez soldados, para não espantar os Indios. Foi de vigario o padre Balthazar João Corrêa, de quem o barão de Studart publicou uma carta a uns Francezes escripta em latim, deliciosa obra prima de matamouros: «ego sum verus sacerdos, et non quero bellum, si tamen...»

Não se sabia ainda com certeza o anno em que começou a fundação do forte, que transferido depois mais para o Sul é origem da cidade da Fortaleza. Os novos documentos esclarecem este ponto. Em março de 1612 D. Diogo de Menezes escrevia a el-rei, que estava esperando a cada hora noticias de Jaguaribe. Gaspar de Sousa, em janeiro do seguinte anno, affirma que D. Diogo de Menezes demorára dez mezes na Bahia a Fuão Almeida, mandado por Martim a dar noticias do que lhe succedêra. D. Diogo de Menezes escrevendo em 12 de dezembro de 1612 ao capitão do Ceará approva o nome da povoação «que me dezis pusistes del dia que tomaste tierra». Este nome sabemos pelo testemunho de Soares foi o de S. Sebastião. Por conseguinte pode

se sem grave receio de erro admittir que a historia do moderno Ceará data de 20 de janeiro de 1612.

Neste anno, não em 1611 como posteriormente escreveu o proprio Moreno, degolou mais de duzentos francezes e flamengos piratas «e lhe tomei tres embarcações, donde uma dellas veio a S. M. a esta cidade (Lisboa) toda a proa e popa douradas, e me rapava a barba tingindo de preto com um arco e frechas, ajudando-me dos indios falando-lhes de contino a lingua e perguntando-lhes o que já sabia bem fazer», lê se na preciosa Relação do Ceará publicada pelo barão de Studart.

No meio de tudo isto sua posição continuava precaria. D. Diogo de Menezes deixou-o quasi um anno sem soccorro. Lourenço Peixoto Cirne, capitão do Rio Grande, de quem fôra tenente, impedio as communicações entre as duas capitanias. Os indios andavam irrequietos, e chegaram a queimar o fortim de madeira que construira. Melhores dias surgiram com a chegada de Gaspar de Sousa a Pernambuco, dia de N. S. do O, 18 de dezembro de 1612.

O novo governador pensou em mandar chamal-o a Pernambuco «para tratar de alguuos intentos de Su Magestad que no son para tratar por cartas»; depois resolveu mandar-lhe soccorros e mais tarde mandou gente para tripolar o barco tomado até Pernambuco. Deu-lhe iambem a missão confidencial de «hazer algun rescate con que pudiesse enbiar a doña Maria (naturalmente a esposa de Gaspar de Sousa) fruta de esa tierra». Sobre o ultimo ponto não insistia, aliás: «no le de de esto ningun cuidado por que lo ymbio mas per me lo dezir é ymportunar que por el retorno que della espero por que todo ella en si no vale nada».

Si a posição fosse de todo insustentavel, permittia-lhe o governador que se retirasse com sua gente. Martim continuou no seu forte até a chegada da primeira expedição de Jeronymo de Albuquerque em 1613. Pareceu então conveniente, antes de atirar-se

ao desconhecido do Maranhão, que o capitão do Ceará fosse adeante numa pequena barca sondar os portos e tomar lingua.

A embarcação chamada Santa Catharina tinha por mestre Sebastião Martins e por piloto Affonso Gonçalves; levava, além de alguns indios, vinte e cinco soldados, cujo sargento era Pero Lobato Mallio. A nomeação de Martim Soares, assignada no Camocim por J. de Albuquerque, traz a data de 13 de Julho de 1613. A partida parece ter sido no mesmo dia.

A dois dias de Camocim encontrou os Trenembês, indios da linhagem cariry, com que fez as pazes; dias depois penetrava pela barra do Preá. O piloto da Santa Catharina diz que estiveram desesete dias sondando os reconcavos do Maranhão.

Ahi estava a 26 de julho, pois em honra de Sant'Anna recebeu este nome a ilha de Tucundutuba. A 10 de Agosto, dia de São Lourenço, sahiam barra a fóra da bahia de S. José.

A empreza esteve quasi para malograr-se. Saltando na ilha, Martim Affonso trepou a um penedo, prégando que era filho de Jacauna, e convocando os parentes. Logo acudiram os indios com gallinhas e muitos legumes, mas foram denunciados aos Francezes, que já sabiam da sua presença pelo incendio de um armazem na ilha de Santa Anna, com muitas enxarcias, breus, etc., e por uma cruz com um letreiro que dizia: *aqui chegou o capitão Soares Moreno a tomar possessão por el rei catholico.*

Começou então uma caçada, a que o capitão do Ceará só escapou graças ao indio Mucura, ou Sebastião, conhecedor da localidade, que passou-se dos Francezes para seu lado. O theatro foi o Preá, a bahia de S. José até Guaxinduba.

Si descontarmos os oito dias de perseguição, podemos admittir que Martim Soares começou a exploração do reconcavo maranhense a 16 ou 17 de julho.

Dia de S. Lourenço a expedição poude considerar-se salva de perigo; não conseguio, porem, voltar para o Camocim. Acompanhando a costa avistou a ilha da Trindade e aportou a Cumana, em setembro. Em Cumana tomaram-lhe a *Santa Catharina* e mandaram no para S. Domingos.

Chegando sem recursos, procurou havel-os das autoridades hespanholas. Deu isto logar a autos e papeladas, guardados até pouco tempo no Archivo de Indias em Sevilha, que agora vão ver a luz pela primeira vez.

Para concluir:

Martim Soares Moreno desembarcou em Sevilha a 25 de abril de 1614 e expedio logo para Pernambuco Sebastião Martins, mestre do barco em que fôra de Camocim a Venezuela. Sebastião Martins chegou em julho a Pernambuco, a tempo de suas informações serem aproveitadas na segunda expedição de Jeronymo de Albuquerque, que se preparava.

Assim, apezar do largo circuito e das grandes demoras, mais uma vez o capitão do Ceará desempenhou cabalmente a incumbencia commettida.

Capistrano de Abreu.